

Futuro e imagem dialética na ficção científica

Future and dialectical image in Science Fiction

Jade Rocha Nobre¹ 

¹Universidade Federal de Minas Gerais^{RO}, Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção de um futuro ficcional em duas obras de Ficção Científica: *Floresta é o nome do mundo* (*The Word for World is Forest*), de Ursula K. Le Guin, e *Binti*, de Nnedi Okorafor. A fim de ressaltar o caráter referencial das obras, que existe independentemente da discrepância entre mundo real e mundo ficcional, pretende-se aproximar a historiografia benjaminiana, a partir da noção de imagem dialética, da escrita das obras de ficção científica. Para isso, contrastaremos a noção de tempo em Walter Benjamin à ideia de um tríplice presente, de Agostinho, assim como seus comentários sobre a predição do futuro. A discussão sobre o futuro em obras de ficção científica feita por Le Guin e por Adam Roberts também se farão necessárias.

Palavras-chave: Futuro; Imagem dialética; História; Ficção científica

ABSTRACT

This paper aims to analyze the creation of a fictional future in two science fiction works: *The Word for World is Forest*, by Ursula K. Le Guin, and *Binti*, by Nnedi Okorafor. In order to emphasize the referential aspect of both works, which exists despite the discrepancy between the real world and the fictional one, we associate Walter Benjamin's approach to historiography, starting with the concept of dialectical image, with the writing in the two aforementioned science fiction texts. To do so, we contrast Benjamin's theory of time with Saint Augustine's threefold present, as well as the latter's comments on predicting the future. Hereinafter, Le Guin's and Adam Robert's views on how science fiction portrays the future will also be of utmost importance to our analysis.

Keywords: Future; Dialectical image; History; Science fiction

A história nunca pode ser apreendida na sua totalidade, há sempre algo que fica deixado às traças. Para Walter Benjamin, a história universal é um eterno retorno do mesmo, visto que a história é sempre contada a partir da perspectiva dos vencedores. Segundo Benjamin, a escrita da história deveria ser feita desde a perspectiva dos vencidos. Assim, ele faz uma crítica ao *continuum* da história e defende o aniquilamento das noções de progresso e de decadência, de maneira a criar uma descontinuidade na sucessão temporal, interrompendo o curso da história linear e conseqüentemente o eterno retorno do mesmo. Em uma palestra realizada na SAF XXI, em 2020, Jeanne Marie Gagnebin relembra que os gregos tinham três palavras para tempo: *cronos* (que remete ao deus que come seus filhos, a um caráter destruidor), *aion* (o tempo da eternidade) e *kairós* (momento de interrupção, momento da ocasião). Para ela, o tempo ao qual Walter Benjamin se refere seria *kairós*, isto é, o tempo da interrupção do curso da história, momento de ocasião em que o passado irrompe no presente e em que é possível articular o passado historicamente em relação ao presente.

Benjamin (2006) se opõe tanto à historiografia burguesa quanto à ideologia do progresso. Para ele, o fim da opressão, do fascismo só seria possível mediante a interrupção do curso da história. Assim, no lugar da história linear, contada sempre pela perspectiva dos vencedores, e da apologia ao progresso, ele propõe a atualização do passado a partir da sua articulação com o presente, o que implica na quebra da linearidade temporal e na obtenção de fragmentos, que servirão de base para a construção de imagens que serão interpretadas como alegorias. Benjamin propõe que a escrita da história se dê a partir da imagem dialética, esta que é descrita como um relâmpago em que momentaneamente há um encontro do passado com o presente. De maneira que cada leitura da imagem dialética é sempre outra, atualiza-se de acordo com o momento presente e proporciona um despertar de um “saber não consciente do passado” (Muricy, 1998, p. 222). Escrever a história a partir da imagem dialética é o que gera a

interrupção do curso da história, ao se articular passado e presente. Em contraposição a isso, há a historiografia burguesa, que se propõe a contar os acontecimentos de maneira linear e intenta apreender totalmente os acontecimentos passados. Gagnebin (2020) afirma que a verdadeira imagem do passado, aquilo que nos interpela e que pode nos ajudar, se dá no momento breve em que há a interrupção do tempo e que se estabelece uma relação entre o passado (esquecido ou recalçado) e o presente.

No lugar de uma história universal, em que há um eterno retorno do mesmo, Benjamin propõe a interrupção da história linear por meio da imagem dialética, de maneira a reconstituir a história, não como ela foi, pois ela não pode ser apreendida na sua totalidade, mas como ela poderia ter sido. Na perspectiva do historiador materialista, cada época cria, ao mesmo tempo, seu passado e seu futuro:

O futuro não é uma projeção abstrata, a finalidade de um processo, mas a construção de cada época simultânea e fundamentalmente ligada à retomada do passado. Portanto, a cada época constrói-se simultaneamente passado e futuro – cada época é origem, na perspectiva do historiador materialista. (MURICY, 1998, p. 231).

No capítulo *Imagens dialéticas*, Kátia Muricy (1998) aponta que, nessa outra concepção de tempo, o futuro está no presente da mesma maneira que o passado inacabado encontra-se no presente. No entanto, o futuro é um futuro anterior, um futuro do pretérito: *o que poderia ter sido*. A formulação do futuro como o que poderia ter sido remete a um caráter mimético da linguagem, isto é, à produção de uma imagem poética verossímil ou mesmo necessária. Observa-se aqui como a concepção de história de Walter Benjamin difere da tradicional, já que a história contada a partir da imagem dialética não se propõe a remontar os fatos cronologicamente, da maneira como aconteceram. Sendo impossível contar o evento tal como ele ocorreu, a metodologia de Benjamin assume essa limitação,

quebrando a linearidade temporal para obter os fragmentos¹ a partir dos quais se constituirão as imagens dialéticas, as quais se apresentarão como alegorias para a interpretação.

A partir da noção de imagem dialética, bem como da noção de tempo benjaminiana, em que o futuro não é uma projeção abstrata, este trabalho tem como objetivo analisar a construção de futuros ficcionais em duas obras de ficção científica: *Floresta é o nome do mundo* (2020), de Ursula Le Guin, e *Binti*, de Nnedi Okorafor. Contrastando com a noção de *tríplice presente*, de Santo Agostinho, e seus comentários sobre a predição do futuro, este trabalho pretende ressaltar um caráter referencial nas imaginações sobre o futuro e, assim, defender um caráter referencial nas obras de ficção científica, que existe independentemente de quão discrepante é o mundo ficcional do mundo real. Ainda, mediante a compreensão do que é a imagem dialética, é objetivo do presente trabalho comparar a escrita da história em Benjamin com a escrita das narrativas de ficção científica, ressaltando o caráter histórico do gênero.

Interpretar as imagens dialéticas como alegorias e entender o futuro como uma construção de uma época (*o que poderia ter sido*) aproxima a historiografia do campo da poesia. A tarefa do poeta, para Aristóteles (2017), não é de dizer o que ocorreu, mas sim aquilo que poderia ter acontecido segundo a verossimilhança ou a necessidade. A diferença entre a poesia e a história não se encontra na forma (se um evento é escrito em versos ou em prosa), mas em como o poeta descreve o evento tal qual ele poderia ter acontecido e o historiador, como ele ocorreu. No entanto, na obra de Walter Benjamin, essa aproximação não indica o apagamento da fronteira entre fato e ficção, mas uma possível solução para a problemática da escrita da história: sendo impossível apreender a história na sua totalidade, Benjamin intenta analisar o passado no seu encontro com o presente, que se dá na imagem dialética. Não se trata de

¹ São essa quebra da linearidade temporal e o trabalho a partir dos fragmentos que conferem o caráter monadológico à obra de Benjamin.

entender a história como ficção, mas de assumir que só é possível apreendê-la fragmentariamente.

Já o futuro é entendido como referente a uma época. Cada tempo constrói seu futuro, que está intrinsecamente relacionado ao passado que irrompe no presente. O futuro é compreendido como um futuro anterior, um futuro do pretérito, no qual se encontra *o que poderia ter sido*. Tal formulação remonta ao campo da poesia, como descrito por Aristóteles (2017), que fala do que poderia ter ocorrido, segundo a verossimilhança ou a necessidade. Entender a poesia como a escrita do que poderia ter ocorrido significa apreender sua dimensão ficcional. Isto é, segundo a verossimilhança ou a necessidade, a poesia pode imaginar o passado. Assim, ela pode falar tanto do que ocorreu quanto do que poderia ter ocorrido, sendo que o que ocorreu está para o particular assim como o que o que poderia ter ocorrido está para o universal. Seguindo essa linha de raciocínio, pensar o futuro como um futuro do pretérito, como *o que poderia ter sido*, nos leva à compreensão do futuro como parte do imaginário e da construção de cada época, fundamentalmente ligada à retomada do passado. Isso também significa que não necessariamente ele se concretizará tal qual a época que o elaborador imagina. O futuro pertence ao campo da imaginação, é algo que ainda não aconteceu, e por isso está em aberto.

Então, o passado está em aberto porque não conseguimos apreendê-lo em sua totalidade, de maneira que cada época trabalha com os fragmentos do passado que irrompem segundo o momento presente. E o futuro está em aberto porque ainda não aconteceu. Ele é imaginado a partir dos fragmentos do passado que se apresentam no momento presente. Cada época olha para o passado e vê aquilo que ainda repercute em seu presente, e olha para o futuro imaginando o que é possível, a partir do passado e do presente que consegue observar. Assim, na perspectiva do materialista histórico, como afirma Muricy (1998), a cada época constrói-se passado, presente e futuro. Podemos também inferir que esses três tempos coexistem no momento presente.

A noção de *tríplice presente*, formulada por Santo Agostinho em sua obra *Confissões* (2001), nos ajuda a pensar em como se dá a coexistência dos três tempos. Para Agostinho, o tempo é dividido em três, geralmente denominados como passado, presente e futuro. No entanto, ele afirma que nem sempre usamos os termos próprios para falar das coisas, apesar de apreendermos o que queremos dizer. Essa retificação tem como intuito propor a noção de três tempos que coexistem no momento presente, equivalentes a passado, presente e futuro. Assim, o presente do passado é a *memória*, o presente do presente é a *atenção* e o presente do futuro, a *espera*. A percepção do tempo agostiniano se encontra com a de Benjamin no que diz respeito à coexistência de três tempos no momento presente. Além disso, a memória ocupa um lugar primordial no pensamento de Walter Benjamin, é a partir dela que se pode interromper o curso da história linear.

Já o termo *espera*, que se relaciona com o futuro no pensamento de Agostinho, pode ser compreendido como o ato de esperar, já que o futuro é um tempo que ainda não chegou. No entanto, o verbo esperar tem diversos significados. Assim, podemos entender a *espera* como o ato de aguardar, ter esperança, gestar, estar destinado a algo ou ainda de supor. No sentido de aguardar, a espera está relacionada à ideia de esperar um tempo que ainda não chegou. Já os sentidos de ter esperança, estar destinado a algo, gestar e supor envolvem uma certa imaginação sobre o futuro, a qual só é possível a partir da *memória* e da *atenção*, isso porque:

[...] qualquer que seja a natureza deste misterioso pressentimento do futuro, não se pode ver senão o que existe. Ora o que já não existe não é futuro, mas presente. Por isso, quando se diz que se veem coisas futuras, não se veem essas mesmas coisas, que ainda não existem, ou seja, que ainda hão de existir, mas sim as suas causas ou, talvez, os seus sinais; estes já existem: por isso não são futuros, mas presentes para os que os veem, e, a partir deles, são preditas as coisas futuras concebidas no espírito. As imagens dessas coisas, por sua vez, já existem, e veem-nas como presentes, dentro de si, aqueles que predizem tais coisas. (AGOSTINHO, *Confissões*, 2001 p. 118)

Apesar da memória não ser citada por Agostinho, podemos assumir que ela participa do processo de constituição de uma imagem do futuro, visto que ela é uma referência de algo que já aconteceu e se encontra no momento presente. Aqui retornamos ao pensamento de Benjamin, descrito por Muricy, segundo o qual “O futuro não é uma projeção abstrata, a finalidade de um processo, mas a construção de cada época simultânea e fundamentalmente ligada à retomada do passado” (MURICY, 1998 p. 231). Ainda que Agostinho esteja falando de um pressentimento do futuro e Benjamin do futuro que é construído por cada época, há algo em comum em suas ideias: a imagem do futuro é concebida a partir do que já existe, seja algo que está presente ou que se faz presente por meio da memória.

As obras de Ficção Científica também produzem, com frequência, imagens do futuro. E, assim como em Benjamin e em Agostinho, para os teóricos que estudam o gênero, essas imagens estão mais relacionadas a questões do passado e do presente, do que têm um caráter preditivo de fato. Segundo Ursula Le Guin (2014), apesar da FC² ser muitas vezes ser entendida como uma extrapolação, essa é uma compreensão simplista das obras. A extrapolação faz parte das obras de FC, no entanto, não são sua essência. Ela sugere que as obras do gênero sejam lidas como um experimento mental, sendo que o objetivo dos experimentos mentais não é prever o futuro, e sim descrever uma realidade. De acordo com Le Guin: “Previsões são o trabalho de profetas, videntes e futurólogos. Não o trabalho de romancistas. O trabalho de romancistas é mentir” (LE GUIN, 2014, p. 8). A mentira aqui evoca a ficção³, isto é, o caráter imaginativo das obras e sua falta de compromisso com a verdade. Para ela, isso que logicamente se configura como mentira seria também um símbolo – visto de uma perspectiva psicológica – e uma metáfora – do ponto de vista da estética.

² A partir de então, ficção científica será abreviada para FC.

³ Ainda que pertinente, essa questão não cabe ao escopo do trabalho.

Sendo um gênero bastante popular, a FC evoca um imaginário referente a tecnologias, viagens espaciais, viagens no tempo, alienígenas, dentre outros. De maneira geral, pode-se afirmar que a ficção científica difere mundos imaginados do mundo em que de fato vivemos. Assim, como afirma Adam Roberts (2000), em *Defining Science Fiction*, a FC preconiza uma ficção imaginativa em detrimento de uma realidade observada. Ainda que a ficção científica seja uma ficção imaginativa e proponha um mundo que envolve diferenças substanciais em relação ao mundo em que vivemos, ela se diferencia dessas outras Ficções Imaginativas (Realismos Mágicos, Fantasias, Contos de Fadas), porque nas obras de FC os acontecimentos, inverossímeis para o nosso mundo, são explicados em um contexto científico, ou seja, são racionalizados. Há uma explicação, que não é mágica ou arbitrária, para como os acontecimentos foram possíveis e que diz respeito a um contexto científico, muitas vezes explicado pela ambientação em um futuro e por inovações tecnológicas. Assim, “é parte da lógica da FC, e não de outras formas de ficção, que essas mudanças sejam plausíveis de acordo com a estrutura do texto” (ROBERTS, 2000, p. 5, Tradução minha). Além de conferirem plausibilidade, a ambientação no futuro, as inovações tecnológicas, o encontro com outros seres são também metáforas, como apontado por Le Guin (2014).

Roberts afirma que a fundamentação da FC é material e não sobrenatural, como em outras ficções imaginativas, e que esse materialismo é enraizado em uma roupagem científica, já que a ciência é um dos discursos materialistas dominantes na atualidade. Um dos recursos narrativos para tornar a explicação científica plausível é a introdução de um dispositivo material que permita que determinados acontecimentos sejam possíveis no contexto narrativo. Quando se refere a um dispositivo material, Roberts relembra o termo, cunhado por Darko Suvin, *novum*, do latim novo ou coisa nova. O *novum* é, ao mesmo tempo, um facilitador da plausibilidade e um ponto de diferença entre a ficção científica e outras ficções imaginativas. Apesar de não ser sobrenatural, o *novum* não necessariamente é um dispositivo tecnológico, aqui o autor relembra um

diferente modelo de gênero que surge em *The Left Hand of Darkness* (1969), de Ursula Le Guin.

Como dito anteriormente, muitas vezes, as obras de ficção científica são ambientadas no futuro, de maneira a conferir plausibilidade à narrativa. A ambientação no futuro permite explicar algumas divergências entre o mundo ficcional e o mundo em que vivemos como fruto do desenvolvimento tecnológico e de suas consequências. Apesar de muitas pessoas acreditarem que a FC é um gênero narrativo que olha para o futuro, Roberts afirma que ela está mais interessada em como as coisas foram, ou seja, no passado. Para o teórico, a FC opera mais em favor da nostalgia do que da profecia. Ele ainda afirma que raros foram os textos que fizeram previsões do futuro precisas, estatisticamente, nada mais do que o esperado segundo o acaso. Apesar de frequentemente serem ambientadas no futuro e estarem vinculadas a ele no imaginário, as narrativas de FC estão mais próximas da nostalgia. Assim, o gênero é compreendido como um gênero histórico, na medida em que retoma o passado e seu desdobramento no presente como matéria-prima para a elaboração de uma imagem do futuro, tudo isso com o intuito de realizar um experimento mental: e se tal coisa acontecesse assim?

Como coloca Kátia Murici (1998), para Benjamin o futuro não é uma projeção abstrata, mas uma construção de cada época, e está fundamentalmente ligada ao passado. Já Agostinho (2001) defende que o pressentimento do futuro é baseado em coisas que já existem ou que ainda vão existir, mas cujas causas ou sinais já se anunciam. Para Le Guin (2014), a FC tem o caráter de experimento mental e a ambientação no futuro é uma metáfora. Por fim, para Roberts (2000), as obras de FC dizem mais do passado do que predizem algo. Tudo isso aponta para uma forte relação entre passado e futuro, sendo o passado a base para a construção do futuro. Nesse sentido, aproximar a noção da imagem dialética da FC pode ser bastante frutífero, tendo em vista que nela temos acesso a um passado que irrompe no presente da narrativa, e que também está relacionado

ao presente do contexto de produção. Assim como a imagem de futuro construída em determinada obra, o passado, o presente e o futuro de uma época também são construções. Segundo Roberts, “FC não nos projeta no futuro; ela nos relata histórias sobre nosso presente, e mais importante sobre o passado que nos levou a esse presente. Contra intuitivamente, FC é um modo *historiográfico*, um meio simbólico de escrita sobre a história” (ROBERTS, 2000. p. 36). Estamos diante, portanto, de dois modos historiográficos: o benjaminiano, segundo o qual a história deve ser escrita a partir da imagem dialética, isto é, da imagem do passado que irrompe no presente e é interpretada como uma alegoria; e o da FC, cujo caráter ficcional dispensa as obras do compromisso com a verdade e, ainda assim, através de metáforas, retoma questões históricas e seus desdobramentos no presente.

Podemos observar um caráter histórico nas duas obras literárias que compõem o corpus deste trabalho. A obra *Floresta é o nome do mundo* (*The Word for World Is Forest*) foi escrita pela americana Ursula K. Le Guin e traduzida por Heci Regina Candiani. A obra, que enquadra-se no gênero ficção científica e ganhou o prêmio Hugo Award⁴ em 1973, conta a história do encontro entre os nativos e os humanos que começam a colonizar o Planeta Athshe. Como o próprio título da obra explica, na língua dos athsheanos a palavra Athshe era ao mesmo tempo floresta e o nome do planeta onde viviam, tal qual Terra é ao mesmo tempo terra e o nome do planeta que habitamos. Apesar de terem uma regulamentação, feita por uma organização intergaláctica, de como proceder em casos de colonização de outros planetas que preconiza a boa relação com o povo nativo, quando os humanos chegam a Athshe, pouco a pouco, passam a explorar a população local, obrigando-a a fazer trabalhos forçados e dormir em celas.

A narrativa de *Floresta é o nome do mundo* conta a história do encontro entre seres de diferentes planetas, como é comum em obras do gênero. Os

⁴ Considerado o prêmio mais importante de Ficção Científica do mundo, o Hugo Awards foi criado em 1946. Seu nome é em homenagem a Hugo Gernsback, responsável pela revista *Amazing Stories*, a primeira do mundo especializada em ficção científica. Anualmente são consagradas as melhores publicações, editores, revistas e autores.

colonizadores terráqueos chegam a Athshe com o objetivo de extrair madeira (já escassa na Terra) das florestas do planeta. Os humanos que vão fazer essa missão são principalmente militares, mas também cientistas e algumas mulheres destinadas ao entretenimento dos homens. Eles se diferenciam dos nativos denominando a si mesmos como humanos e aos outros como humanoides. A partir dessa distinção, estabelecem uma hierarquia em que eles são mais evoluídos e os athsheanos são criaturas mais próximas dos animais. Já os athsheanos são um povo que vive em harmonia com o ambiente do qual se sentem parte: a floresta. São também um povo que não mata aos seus e, tendo reconhecido os humanos como seres da mesma espécie, embora sejam um pouco diferentes fisicamente, estendem a regra a eles. A ausência de guerra faz deles uma sociedade estática, na qual a história não existe.

O encontro entre esses dois povos coloca em contraposição dois tipos de sociedade. Composta pelos terráqueos, observa-se uma sociedade em que a ideologia do progresso e o capitalismo promoveram a escassez de recursos, por isso a solução encontrada é a colonização de outros planetas para extração de madeira. Os terráqueos não se compreendem como parte da natureza, sendo ela uma mera fonte de obtenção de matéria-prima. Já os athsheanos vivem em comunhão com a natureza, a floresta é o seu mundo e eles o preservam. Nesse sentido, são uma sociedade estática em que não há rupturas nem progresso, ao menos até a chegada dos humanos, a qual gera uma grande transformação na população nativa. A descrição da cultura desse povo remete ao imaginário de populações pré-capitalistas, de maneira que a contraposição elaborada questiona o sistema econômico em que estamos inseridos.

Ainda que ambientada em um futuro, a narrativa apresentada fala do passado quando representa o processo de colonização que se repetiu diversas vezes no curso da história. Ao descrever as situações passadas pelos athsheanos, ela descreve muitas das práticas comuns em processos colonizatórios, como as que se deram na América Latina, por exemplo. A animalização dos seres

humanos, o racismo, a violência sexual, tudo isso é parte da história humana e é evocado pela narrativa. Além disso, ela se relaciona com o presente na medida em que apresenta algumas inovações tecnológicas que propiciam certas mudanças. A chegada de um *ansível* (uma tecnologia que permite uma comunicação quase que instantânea entre diferentes planetas) em *Athshe* permite que as comunicações entre planetas ou naves seja quase instantânea, o que permite a inspeção das regras pela organização intergaláctica. Ainda que não impeça o início da colonização, o dispositivo ajuda na documentação do ocorrido e na interrupção do processo colonizatório. No entanto, durante o processo, a população nativa passa a usar da violência contra os humanos, e as consequências disso para sua cultura e seu modo de viver não são mensuradas. Ao longo da nossa história, invenções tecnológicas relacionadas à comunicação de fato modificaram o nosso acesso à informação, sendo que hoje conseguimos denunciar certas situações com mais facilidade, o que não inibe que certos acontecimentos sigam ocorrendo. Ainda que o enredo da obra de Le Guin seja ficcional, é inegável que ele relata algo sobre o nosso modo de viver, sobre nosso presente e nosso passado.

A segunda obra que vamos analisar a fim de exemplificar a relação da FC com o passado e com o presente, ainda que ambientada no futuro, também retoma questões históricas. A obra de Nnedi Okorafor, *Binti*, foi publicada em 2015 e recebeu os prêmios Nebula e Hugo, além de ter sido finalista do British Science Fiction Association Award. Descrita como uma novela de ficção científica no futuro africano, a obra conta a história de Binti, uma garota Himba que é aceita pela Oomza University. Binti é uma harmonizadora e trabalha com astrolábios junto a seu pai. Ela é também a primeira do seu povo a ser aceita pela melhor universidade da galáxia. Para estudar lá, ela precisa sair não só da sua casa, mas do planeta Terra, o que é extremamente incomum para o povo Himba, que mantém uma relação muito próxima com a sua terra e com o deserto.

Em *Binti*, observa-se novamente o encontro entre povos de diferentes planetas. Além dos himbas e das medusas, outros povos fazem parte do enredo como os khoush e os enyi zinariya. Cada um desses povos tem sua história e elas se entrecruzam. Na África, os khoush mantêm uma certa hegemonia cultural e acreditam que os himba e os enyi zinariya são menos desenvolvidos do que eles. Assim como acontece com as medusas (alienígenas), com quem os khoush têm uma guerra há anos, cuja origem ninguém mais sabe ao certo. Dessa forma, são evocadas questões relativas às relações entre países, de hegemonia, de exploração, bem como as questões sociais como o racismo e a misoginia. Assim como em *The Word For World Is Forest*, as tecnologias que são descritas em *Binti* possibilitam o deslocamento entre planetas e a comunicação entre os povos. Na obra de Nnedi Okorafor, Binti encontra um *edan*, isto é, um dispositivo tecnológico antigo cujas funções são desconhecidas devido ao tempo. A garota carrega o *edan* como um amuleto, no entanto, em seu primeiro encontro com as medusas – um povo que se originou na Terra, descendente dos polvos, mas migrou para outro planeta – o aparelho a ajuda se comunicar com elas. Assim como o *ansível*, o *edan* também modifica o curso dos acontecimentos ao propiciar a comunicação. Isso porque ele permite a comunicação de Binti, uma garota himba, com seres de outros lugares. Quando ela consegue se comunicar com esses seres, ela passa a conhecê-los, não a partir do que se conta sobre eles, mas do que eles contam sobre si, o que muda a forma como ela os percebe. Mais uma vez, as tecnologias ficcionais nos remetem aos aparatos tecnológicos que existem e a como eles modificam as relações sociais. A partir disso, é possível reconhecemos a comunicação e o conhecimento como ferramentas de transformação social. As obras de ficção científica, portanto, mais do que um futuro, narram o passado e o presente. A ambientação em um tempo que ainda não aconteceu permite que se elabore um mundo diverso daquele que habitamos, a partir de uma explicação científica, pseudocientífica ou lógica. No entanto, essas obras não têm como objetivo prever um futuro, e sim criar

condições para a reflexão sobre o mundo em que vivemos e os acontecimentos que nos trouxeram aqui, assim como a imagem dialética, as FCs articulam passado e presente.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Poética. Tradução de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017 (2a edição.)
- AGOSTINHO, S. Confissões. Livro XI. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina C. de S. Pimentel. Lisboa: 2001.
- BENJAMIN, W. Teoria do conhecimento, teoria do progresso. In: **Passagens**. Organização da edição brasileira de Willi Bolle. Colaboração de Olgária Matos. São Paulo/Belo Horizonte: Ed.UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- GAGNEBIN, J. M. Leitura das Teses “sobre o conceito da História” - XXI Semana dos Alunos de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio, Palestra realizada na SAF XXI, em 2020. Disponível em: <https://vimeo.com/showcase/7351120>
- LE GUIN. Ursula. A mão esquerda da escuridão. Tradução de Susana L. de Alexandria. São Paulo: Editora Aleph, 2014.
- LE GUIN. U. K. Floresta é o nome do mundo. Tradução de Heci Regina Candiani. Morro Branco: 2020.
- MURICY, K. Imagens dialéticas. In: **Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998, p. 213-234.
- OKORAFOR, N. **Binti. USA**: Tordotcom, 2015.
- OKORAFOR, N. **Binti: Home**. USA: Tordotcom, 2015.
- OKORAFOR, N. **Binti: The Night Masquerade**. USA: Tordotcom, 2015.
- OKORAFOR, N. **Binti – Trilogia Completa**. Tradução de Carla Betelli. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021.
- ROBERTS, A. **Defining Science Fiction**. Londres: Routledge, 2000.

Contribuição de autoria

1 – Jade Rocha Nobre

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-4343-7256> • jade.rochanobre@gmail.com

Contribuição: Autor

Como citar este artigo

NOBRE, J. R. Futuro e imagem dialética na ficção científica. **Revista Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, v. 41, e70447, 2023. DOI 10.5902/1679849X70447. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X70447>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.